



Granadeiro

HISTÓRIA DUM ASSASSINO

Directores proprietarios e editores: ALFREDO CANDIDO — MAURICIO PIMENTA
 (Publicado em commemoração ao enterro da dictadura) LITH SALLES

A obra do dictador



João Ferreira Franco Pinto Castello Branco Pitt Cavour Cromwel e Bismarch, o muito Illustre Marquez de Pombal e celebre granadeiro, armando o braço de homens do povo para a consummação do crime da tarde de 1 do corrente,

João Franco

Eu podia pudicamente furtar-me á *diabrura* de pegar na casaca de *panno cru* d'este cavalheirito—miserico ratinho branco que se esqueceu a esfuracar no *queijo rabaçal* da pasta de presidente de conselho, sem dar conta da *ratoeira* que dum prompto o físgou—o *rabo-léva* d'uma sarabanda de chufas impenitentes e a *matar*; e copiando (*pro bom fim*) as atitudes áticas das velhas estampas monumentaes, com pancadas contritas no estomago e olhos postos no ceu, gorgolejar com a *sinceridade* malandra dos *thalassas de pau e corda* que carregam nos dois *finados* jornaes do governo, o *frête* lezardento das suas embustices e das suas biliosas canalhices *em typo 8*, gorgolejar, dizia eu: que não se deve bulir co'os mortos!

Mas não o quero.

E prefiro-lhe antes, envergando uma rabona seca e atrabiliaria do *demolidor* (que, palavra d'honra! não me vae nada mal!), invistir de porrete, manga arregaçada e cara no ar, de cambada co'aquelles que, pendurando nos chapéus, á guisa de *registro*, o «desanque-se o patife» da praxe, *saltam* hoje para este *arraial* de tarca e ajuste de contas que ora se levantou contra o maior pulha d'estes reinos, que, *verbi gratia*, deixa ficar de cara á banda os *habitués* reincidentes ali da Penitenciaria e do Limoeiro.

E isto faço-o eu, percebem? pela mesma razão do que seria mau sés-tro consentir um sujeito em sua casa, um gato morto, só por deferencia para com o *bichano*, e não o recambiar immediatamente para o guano liquidativo, onde não empeste quem está.

Ora pois, meus senhores:

O João Franco não é um homem que tendo *arredondado* o seu *sáco* se retira dos negocios.

Nada d'isso!

O que elle precisa não é d'uma aposentação é—d'um guano.

Como dever civico (creio eu que para todos nós portuguezes desde Valença do Minho até Villa Real de Santo Antonio, jámais nenhuma *obrigação* nos será tão suave!), como medida de boa hygiene, como prevenção sanitaria tem de fornecer-se-lhe um guano.

Que diabo! onde a sua carcassa miseravel de *defunto* bandalho á reveldia se redusa ao *pó, cinza e nada* da escriptura.

Os senhores vão objectar-me:

—E então os meios de conducção?

Evidentemente que eu não cometeria o sacrilegio de aventar a hy-

potse de que—seria algum dos leitores capaz de pegar-lhe *com o dedo* ás borrias do caixão.

E portanto, co'a modestia propria que convem aos grandes alvitres eu lembro p'ra meio de *transporte*, «mesmo a calhar».

O *caixote do lixo* dos artigos de fundo que, diariamente, como uma especie de macacos sabios foram *vasando* nos dois sumidouros publicos que, em *vida*, se chamaram *O Jornal da Noite* e o *Diario Illustrado*.

Illustrado... precisamente como o zinco dos ourinoes que a garotada *vae illustrando* de *comentarios* barbaros a giz.

E á laia de *elogio funebre* não seria mau que qualquer cavalheiro *prestavel*, com dotes oratorios, entende-se, lhe debitará á *beira* do... guano, estas palavras que são por assim dizer o *sustractum* dos pensamentos de todos os bons Luziadas:

Odio ao sr. João Franco!

Odio ao que *foi*... (como que-rem os senhores que o seja ainda agora se—os mortos não voltam?) fisicamente e moralmente uma monstruosidade digna de figurar nos *cadernos* do Lombuoso.

Desprezo pelos que lhe chamaram *homem d'estado* e *illustre descendente* (parrana) do Pombal.

Qual homem d'estado!

Qual descendente illustre!

Nada de questionar p'ro futuro, pela imprensa—a imprensa senhores (sem querer empregar *palavrões d'efeito*) cujas liberdades elle foi apertando, apertando, como se faz ás molas d'um relógio, sem se lembrar, no seu rancor verde e reptilico de biltre que, uma *vóz* solta da pressão asphixiante, ella se destenderia, rapido, com o direito de lhe poder cuspir na cara a mais tremenda, a baforada de cruasas, mais de justicia que ha—dado admitir-se:—nada de questionar pela imprensa os seus *defeitos*.

Porque sendo o sr. João Franco o sujo dos bandidos, *apenas* a policia tem que vér com elle.

O seu *caso* está sob a alçada do Juizo d'Instrução Criminal.

A sua malvadez é uma *historia* que o sr. Romão José Ferreira tinha que averiguar.

Certamente que p'ra bem merecerdes *benesses* do povoleu ledor, á gente dos jornaes cumpre racontar, em *dia-a-dia*, os tramites, ali inteirinhos, das *averiguações* do sr. Romão.

Certamente.

Mas então soburdinem-se todas as suas infamias, todas as suas pulhas-trarias ao titulosinho de—*a gatunagem em Lisboa*, ou que o valha.

Chamem-se as coisas pelo seu verdadeiro nome de baptismo, tal e qual

como aos senhores seus paes as inscreveram no livro da sacristia.

Porque, agora a sério:

Qual o motivo que a mim me leva a ehamar com asco, incendiario a um vago Fernandes hespanhol e pobre diabo e *perfeito estadista*, ao sr. João Franco que com suas megalomanias, este tambem causou a «desgraça de muitas familias»?

Que deducções heperboticas encontro eu para concluir de *ladraão* um diabo-alma que rouba umas calças (em suma: um homem não pode fazer pela vida com a mesma barbaridade de *vestuario* com que Deus e a parteira o atiraram para as tétas da ama!) e *habil economista* ao sr. João Franco.

Um é um rato de maltrapilho que não tem eira nem beira, o outro um *messias* sem caracter que até deitava coupé com seu *correiro* choutando atraz: um diz-se João Fernandes, o *Chico da Piolhosa* (nome de guerra) o outro o sr. João Franco que queiram dizer! não será um nome de guerra como outro qualquer!

Pois se é, está dito tudo e façam os senhores favor de voltar ao *chá e torradas* que interromperam para sublinhar com um sorriso de satisfaçõesinha estas *verdades como punhos* cosidas a pontos naturaes, sorriso que quereirá dizer:

Olha o nosso filho! Que bem parecido que elle é!

Carlos Pereira.

Palavras da rainha D. Maria Pia ao granadeiro: DIZIA-SE que o senhor seria o coveiro da monarchia; mas o que eu nunca imaginei foi que podesse ser o assassino de meu filho e de meu neto.

Ao mar!... Ao mar!...

O *Xuam*, o granadeiro.
O *Epilectico* e *larvado*,
O *Thallassa* *escorraçado*
como um *vil pantomineiro*.

Como *nogento sendeiro*,
Inutil, *gasto*, *estafado*...
Cujo negro e triste fado.
Não teve o *fim verdadeiro*...

Deu coice á larga e á farta,
Com o mais cinizapudor,
Nô paiç, na Lei, na Carta...

Causa a todos nojo e horror!...
Não ha um raio que parta
Este maldito estupôr?...

Balçac—Mephistopheles.

No tumulto

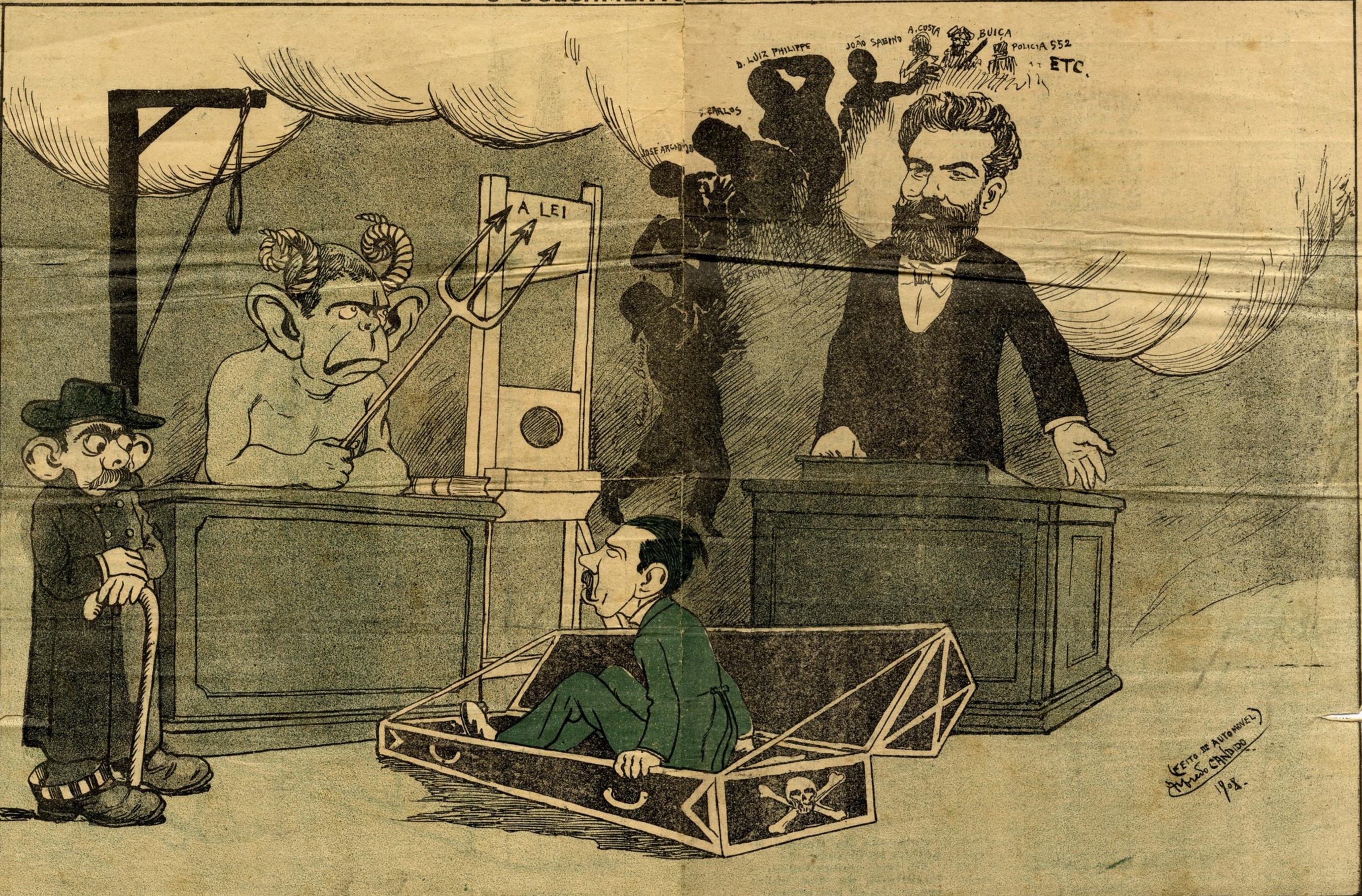
Em virtude da resolução tomada pelo sr. conselheiro João Franco, os conselheiros de Estado e ministros de Estado honorarios do partido regenerador-liberal vão reunir-se n'um dos proximos dias para se occuparem da situação partidaria.

(Do Diario Illustrado)



O PARTIDO DOS THALASSAS VAE REUNIR NO JAZIGO DA FAMILIA OS RESPECTIVOS CADAVERES PARA ACCORDAR NA ATTITUDE QUE DEVEM ASSUMIR EM FACE DA PRESENTE ACALMAÇÃO POLITICA.

O JULGAMENTO DO ASSASSINO



A 1 de fevereiro de 1908 pelas 5 horas e meia da tarde foi morto pelo povo o assassino que agora na presença do Diabo responde pelos crimes que praticou. Attendendo à sua qualidade de morto, escolheu para o defender, das penas do inferno, o não menos morto Teixeira de Abreu.

Chronica

A pavorosa tragedia da primeira tarde de fevereiro de 1908, que tão sanguinariamente, solemnizou o 17.^o anniversario da historia e tambem sanguinolenta jornada de 31 de janeiro, marcou na historia patria uma pagina indevelmente luctuosa, e deixou nos espiritos, ainda os mais fortes, uma pesada *silhouette* de horror e estupefacção: de horror, sobretudo, porque não se pode ser indifferente ao resvalar d'uma creança sem culpas para os mysterios insondaveis da morte; de estupefacção porque n'este povo tão epicamente grande, modelar até, no seu carinho, dedicação e civismo, difficilmente se adivinharia a existencia de elementos com tão cruel e heroica attitudede!... O exemplo é demasiado eloquente para d'elle tirar-mos agora uma lição que oriente o novo rei na ampla estrada de luz, progresso, regalias, e liberdades de que difficilmente abdicam os povos do seculo XX: é uma conquista de leis sociologicas e naturaes que ninguem pode impunemente tentar esmagar. A onda gigante e avassaladora pode em um dado momento fazer vergar um cedro gigante, mas quando passe — porque tem de passar — deixará fatalmente que elle se levante e retome *mais rapido do que tombou* a sua primitiva situação... e ai dos obstaculos que encontre na sua passagem... Foi o que succedeu agora... levantou-se enganadamente uma seita odienta e odiada — passou, dominou, esmagou... — mas a avalanche passa e a arvore gigante, colossal, que por momentos vergou ao peso da esmagadora mole, retoma em um momento a primitiva situação e alguns membros d'essa colectividade escravizada precipitam no tumulto um punhado de vidas preciosas — porque uma vida é sempre preciosa — ou seja de um Torquemada ou seja de um Frei Bartholomeu dos Martyres; ou seja de um monarcha poderoso, ou seja de um ignorado filho da miseria... mas esquecemos-nos por um momento que não é nada d'isto o que pretendiamos escrever ao começar esta rapida chronica; o nosso fim foi outro ao levantar-nos cheio de mal contida revolta, torturado ainda pelo mais sangrento pesadelo, foi gritar bem alto: justiça, justiça contra o bandido imperne das regalias de um povo de tão assombrosa historia!

Castigo, castigo sem piedade ao monstro que mata um rei, assassina um principe, victima innocensivos, chefes de familia e vive ainda impune a rir talvez da sua obra nefanda e nefasta!

Aqui, d'el-rei, aqui d'el-rei, contra João Franco Castello Branco o verdadeiro, o unico criminoso!...

Exaltação do infante D. Affonso:

D. Affonso avançou no arsenal da marinha para o granadeiro de punhos cerrados n'uma alitude exaltada valendo-lhe ao granadeiro os Srs. Conde de Mesquitella e tenente-coronel Dias.

O QUE SE DIZ

Que o granadeiro pensa bater-se em duello com o Dr. Arthur Leitão, em desafronta áquelle celebre estudo, o terrivel pamphleto que tanto deu que fallar «*Um caso de loucura epileptica.*»

E' possivel que o distincto medico lhe responda que se não bate com doidos, nem com assassinos.

Mas nós fazemos mais: aconselhamos o Sr. Dr. Arthur Leitão a escarrar-lhe na cara.

Vem a proposito recortar d'esse valioso estudo, que se diz estar á venda uma edição popular, os seguintes trechos:

Antecedentes hereditarios

PATERNOS — O PAE é um degenerado inferior com tendencias criminosas. E' avarento. Desce resolutamente á pratica do crime para obter dinheiro.

Na sua terra natal, e na sua provincia, é reputado como um bandido, e temido como um salteador.

As suas ladroerias são conhecidas, e a maior parte dos seus crimes têm sido praticados com o auxilio e protecção do filho, garantindo-lhe pela sua elevada situação politica a impunidade.

... A ambição cegou-o por fórma a não medir processos, nem reconhecer baixezas. Na sua terra natal chegou a reconciliar-se, exclusivamente, por vantagens eleitoraes, com um dos individuos que mais publicamente arrojava á face, e depois á memoria de sua mãe, com a qual intimamente tinha convivido, as mais graves e ultrajosas accusações, como a de por ella haver sido contagiado de grave doença venerea. E fê-lo, com inteiro conhecimento do que aquelle affirmava.

ANTECEDENTES PESSOAES. — As suas tendencias criminosas, reveladas em Coimbra; as suas impulsões, ainda presentemente repetidas, que o levam á pratica de actos aparentemente audaciosos, sem medir as consequencias, que d'elles possam advir; a sua medio-cridade; a ingratidão usada para com os seus benfeitores; a ausencia de senso moral, e ansinações perfidas que, sem o menor remorso, faz pesar sobre os adversarios, são signaes evidentes do seu desequilibrio cerebral.

Mas ha um facto sobre todos, que faz aclarar o diagnostico: é o delirio que o acometeu, ainda quando estudante em Coimbra, e que o levou, irreflectidamente a disparar um revolver contra um zelador can arario. E' um facto tipico, caracteristico de *loucura epileptica.*

Palavras do granadeiro no conselho de estado: Aconselho tambem um ministerio de acalmação de concentração monarchica e offereço o meu concurso e o meu decidido apoio.

E' revoltante!... O assassino, que não tem consciencia, não pode ter remorsos.

Ainda vive... e em liberdade o maior assassino, o criminoso mais celebre, esse granadeiro alvorado em dictador.

Queria o granadeiro, o epilectico, ainda não contente com a sua obra, meter pé no ministerio de acalmação.

Arre, que é casmurro e bem casmurro.

A unica coisa que n'este momento o granadeiro teria a fazer era com uma granada ou com a carabina que deu ao Zé Povinho para matar o rei, matar-se a si proprio.

Não tem o cobarde coragem... então deve quanto antes expatriarse.

Pois a situação do granadeiro é perigrosa.

Nós, teremos o cuidado de lhe passar sempre de longe, nem todos são atiradores da carreira do tiro.

Palavras da Rainha D. Amelia ao granadeiro: Abi tem, conselheiro, o resultado da sua obra. (conselheiro por piada.)

Enterro do dictador



O CORTEJO A CAMINHO DO INFERNO.

Thalassas!... ao charco... ao charco!...

Os últimos acontecimentos e a profunda impressão e desgosto que elles produziram no animo do sr. conselheiro João Franco determinaram este abandonar por completo e definitivamente a politica.

(Do 'Diario Illustrado' de 5 do corrente).



O GRANADEIRO DECLARA QUE ABANDONA A POLITICA